

TEATRO EM PARIS

A ²²⁶BIENAL

suíte →

DADA PARA PESSOAS SÉRIAS

Os quatro espectáculos de abertura desta VI Bienal dos Jovens dão-nos uma primeira indicação sobre as opções dos seleccionadores e sobre o acolhimento do público.

Montada com meios modestos (cerca de mil e quinhentos contos) a Bienal não pode de maneira alguma pretender guindar-se ao plano de universalismo a que estava inicialmente destinada. Concebida em estruturas académicas e sem a mínima concessão a uma liberdade real, ela não é mais do

Por EGÍDIO ÁLVARO

que a transposição para um plano de prestígio nacional francês dos erros cometidos nas outras Bienais (e particularmente nas de Veneza e S. Paulo).

No conjunto, quer se trate de Teatro, quer se trate de Cinema, ou de Pintura, a Bienal é um equilíbrio forçado, a rigidez de uma escolha que camufla a realidade: reflexo do gosto e dos conhecimentos de um punhado de críticos e de amadores que tentam impor as suas ideias (o que está certo) mascarando-as sob uma aparência de abertura e de largueza de espírito que não existem (o que não está certo). A camuflagem, que é persistente, dura um certo tempo. Depois desaparece, ou plor, seca e deixa ver a face escondida.

E que face é esta?

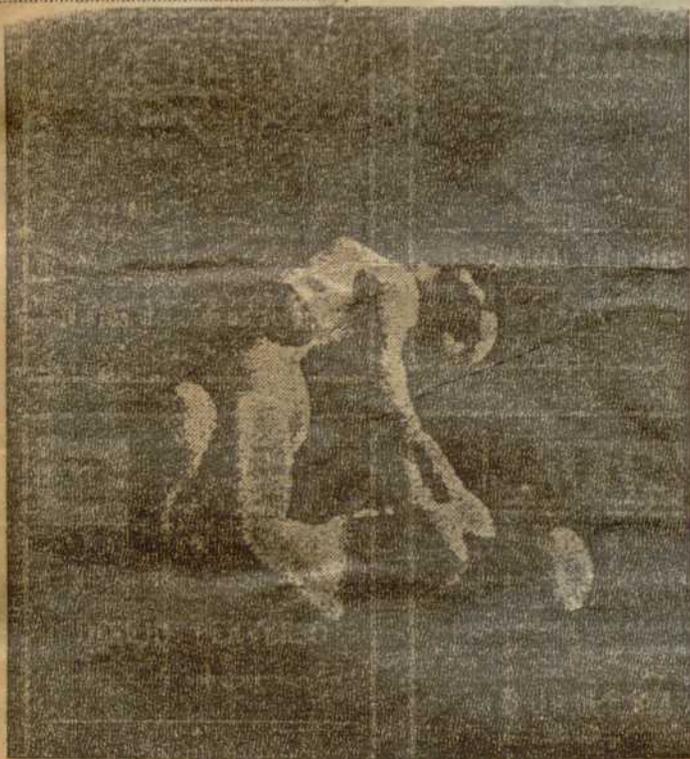
Há dois anos, sob o signo do erotismo e do escândalo, os espectáculos da Bienal atraíam multidões de jovens e de curiosos, e a lotação das salas esgotava-se regularmente. Os momentos felizes (e houve vários) não chegaram contudo para apagar a impressão de pedantismo, a insolência dos organizadores e o carácter de recuperação social que voluntariamente queriam imprimir à Bienal.

Este ano, as salas estão meias, três quartos cheias e raramente completas. O público mudou. Curiosos, ainda há. Mas há sobretudo os profissionais, os amigos e o sector para quem é bom tom ir à Bienal (e que tem, logicamente, quatro anos de atraso). E faltam os apaixonados, aqueles que transformavam o espectáculo em festa, em participação, em crítica. O público é morno e lasso, os

aplausos são convencionais, como na Comédia Francesa ou no TNP. Porquê?

Porquê uma resposta a este porquê? Limitemo-nos a sugerir explicações possíveis. O cinema, uma vez mais, ultrapassou o Teatro na busca das profundezas do ser humano: More, de Barbet, Schroeder, Easy Rider do jovem Fonda, ou

(Continua na 10.ª página)



SYMPHONIA — do argentino Oscar Araiz